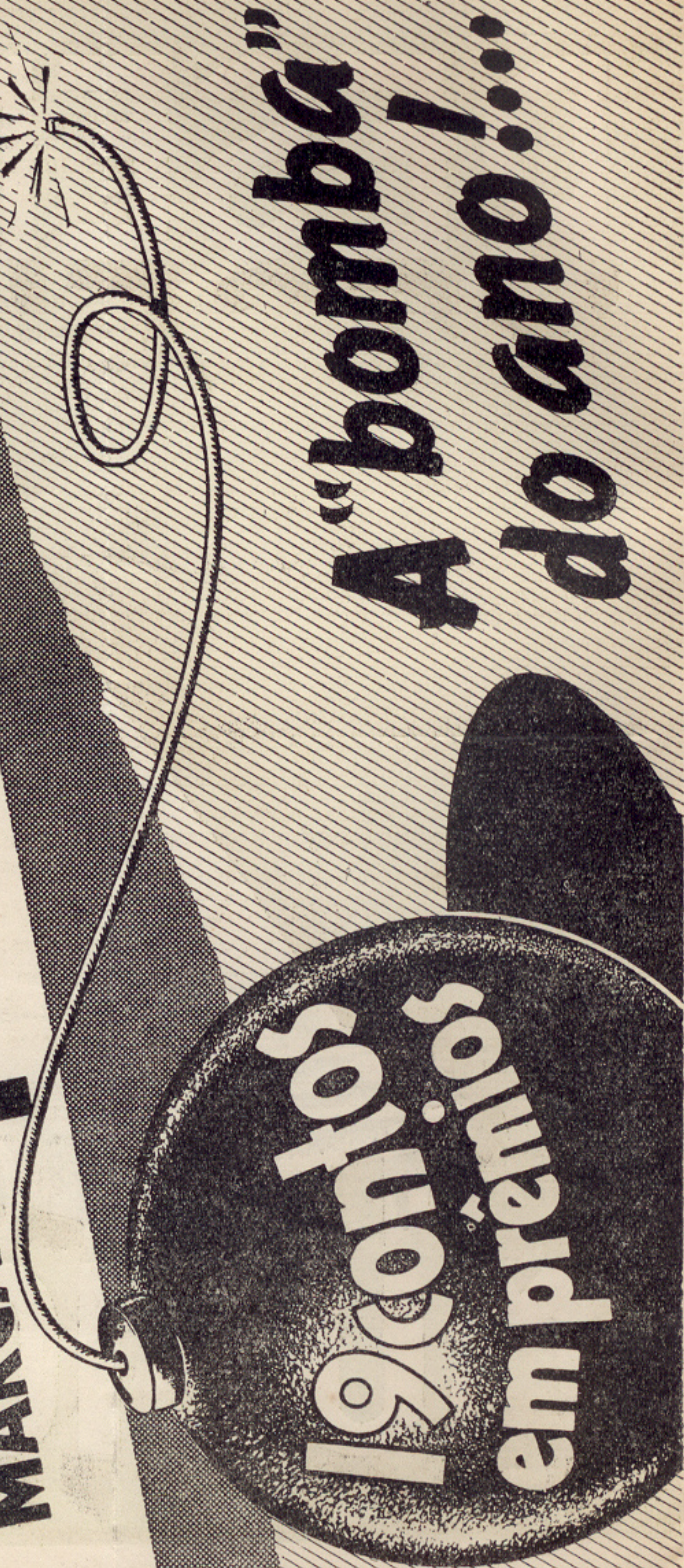
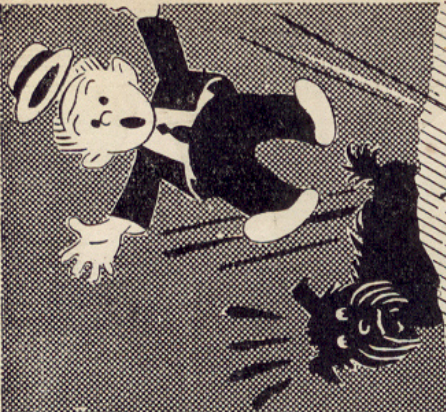
RESENHA MUSICAL

Diretor: PROF. CLOVIS DE OLIVEIRA   Redatora: PROFA. ONDINA F. B. DE OLIVEIRA

R. Cons.º Crispiniano, 79 - 8.º andar — S. PAULO

ANO IV • SÃO PAULO, — SETEMBRO — 1941 • NÚM. 37

IV Aniversário de "Resenha Musical"

Com o presente número, RESENHA MUSICAL comemora o IV aniversário de sua fundação. Infelizmente o ambiente em que vê transcorrer sua magna data não é de festas porquanto é de muita tristeza, de luto para o mundo envolvido numa guerra de calamitosas consequências!

RESENHA MUSICAL surgiu num momento palpitante, preenchendo uma lacuna na imprensa nacional; tornou-se a única revista do gênero existente no Brasil; tornou-se o órgão sincero e honesto dos que vivem da arte e para a arte!

O fato de RESENHA MUSICAL comemorar sob o signo primaveril de Setembro, mais um aniversário, o IV, é bastante significativo! RESENHA MUSICAL nêsses três anos já vencidos, procurou servir seus assinantes e leitores e o meio artístico nacional, publicando em suas páginas artigos firmados pelos maiores nomes da intelectualidade brasileira e pelos grandes vultos de outros paises; seus Suplementos Musicais, são de autoria de notáveis compositores nacionais e estrangeiros e são especiais para ela; suas secções estão entregues a técnicos, nomes sobejamente conhecidos no mundo artístico e a jornalistas profissionais de larga projeção. Tudo isso resume a eloquência e a vitalidade da ação de RESENHA MUSICAL.

Anelando bem servir a coletividade artística e intelectual é a razão explicavel porque RESENHA MUSICAL tem que levar de vencido impedientes abrolhos! E agora, com o encarecimento do papel, a um preço que é verdadeira exorbitância, obriga-nos a inferiorizar a qualidade do mesmo em substituição ao que vinhamos antes utilizando. Enfrentar a crise atual com pujança foi e é a nossa intenção, muito embora a nossa boa vontade não bastasse como escudo para não sermos atingidos pela marcha transcedental dos preços.

Ao comemorar pois esta data RESENHA MUSICAL se congratula com seus assinantes, leitores, pessoal de Redação, colaboradores, cooperadores e anunciantes, agradecendo o apoio que sempre tão bondosamente lhe dispensaram esperando que êsse apoio ainda maior se torne afim de bem servir a coletividade defendendo os interesses dos artistas e espargindo as luzes sublimes da Arte!

Homenagem a
"Resenha Musical"

Lia Fuldauer, E. Kierski e Fritz Jank

Conforme noticiámos, realizou-se a 19 de Agosto findo, no Salão Nobre do Conservatório, um importante concerto que os brilhantes artistas Lia Fuldauer (soprano), Ernesto Kierski (barítono) e Fritz Jank (pianista), realizaram em homenagem a esta Revista e ao seu digno Diretor, Sr. Prof. Clovis de Oliveira, cuja data natalícia transcorria.

Poucas manifestações de arte conseguem reunir tão seleto e numeroso auditório, composto principalmente de assinantes de RESENHA MUSICAL. Os clichés que ilustram esta notícia, dão uma ligeira impressão do que foi o concerto de 19 de Agosto passado.

Os maiores críticos musicais de São Paulo, cujas crônicas mais abaixo transcrevemos, foram unânimes ao apreciarem o valor dos concertistas e suas notaveis interpretações.

RESENHA MUSICAL ofereceu aos recitalistas uma fina "corbeille". Muitas outras foram levadas ao palco sob aplausos da grande assistência.

Com exceção do crítico de RESENHA MUSICAL que se absteve de escrever sobre o concerto Fuldauer-Kierski-Jank, porquanto foi o homenageado, são estas as opiniões dos outros órgãos da imprensa paulistana:

"Apresentaram-se ontem, mais uma vez, ao público de São Paulo, os distintos cantores, Lia Fuldauer, soprano e Ernesto Kierski, barítono, no Salão do Conservatório Musical de São Paulo, sob os auspícios da RESENHA MUSICAL.

Seria inutil dizer do agrado com que são ouvidos êsses cantores, cujo interesse está na razão direta do progresso, do domínio e do perfeito conhecimento das óbras interpretadas.

Lia Fuldauer, cuja voz é excelente, desempenhou-se com justeza notadamente em "Onde ficas, caro Senhor Jesú", de Bach.

O barítono Ernesto Kierski, possuidor de voz volumosa, cantou com agrado a bela Aria do "Lo Schiavo", "Sonho de Amor", de Carlos Gomes, onde evidenciou grandes qualidades.

Nos duetos, as vozes dos cantores casavam-se perfeitamente, produzindo o mais intenso agrado na platéia.

A RESENHA MUSICAL, uma das poucas revistas que se dedica às cousas da arte musical, teve ontem a oportunidade de ver coroado o seu esforço e simpatia em divulgar os fatos artísticos da Capital, pela grande concorrência a este Recital, cujo público não se cansou de aplaudir os intérpretes exigindo vários extras.

É de justiça salientar-se a discreta

atuação do pianista Fritz Jank, cujos acompanhamentos muito contribuiram para o completo êxito. — F.L. — "Jornal da Manhã", 20-8-41".

"No Salão do Conservatório realizou-se ante-ontem sob o patrocínio da revista RESENHA MUSICAL uma noitada de arte na qual participaram os artistas: soprano Lia Fuldauer e o barítono Ernesto Kierski, acompanhados pelo pianista Fritz Jank. Ambos são artistas de alto valor e grande conhecimento de música e dispõem sobre vastos recursos vocais. O soprano melódico e expressivo da cantora é capaz de intepretar Mozart como Bach, Rachmaninoff e outros compositores modernos de canções, firmes no estilo com finas nuances. E o barítono Ernesto Kierski sabe empolgar com dramaticidade o justo valor das canções e árias interpretadas por êle. Nos duetos das mais conhecidas óperas mostraram-se geniais companheiros. — Ao pleno êxito dessa noite contribuiu Fritz Jank por suas interpretações finas e justas. O numeroso público aplaudiu meritoriamente e os artistas agradeceram com diversos extras — P. — "Diário Alemão" — 21-8-41."

"Num programa amplo bastante para abranger todos os gêneros, e mesmo o pior, apresentaram-se ontem, no Salão do Conservatório, em concerto promovido pela RESENHA MUSICAL, a Sra. Lia Fuldauer, soprano, e o Sr. E. Kierski, barítono. A

Aspeto parcial da assistência — 19-8-1941 — Salão do Conservatório.

cantora, artista conhecida no nosso meio musical, elevou ao máximo o nivel do programa, cantando, com felicidade e dentro da medida de discreção necessária, dois números de Mozart: "Vedrai carino", (de "D. João") e "Giunse alfin il momento" (de "As bodas de Fígaro").

Depois, um coral de Bach, canções de Rachmaninoff e Camargo Guarnieri, e, menos bem, a famigerada "Les filles de Cadix", de Délibes.

Quanto ao barítono Kierski, trata-se de um jovem e esforçado cantor. É claro que a sua arte não passa de promessa de quem tem bela e potente voz, de timbre característico. Mesmo nas árias de ópera, onde a interpretação é, por assim dizer, superficial, precisa o Sr. Kierski de entregar-se a um trabalho vocal mais sistemático que lhe possa ser base das justas ambições. — Em todo o caso, pode-se destacar, na parte cantada por êle "Os dois granadeiros", de Schumann.

Terminou o programa com uma parte de "duetos" de óperas (A. Thomas, Leoncavallo e Verdi).

Os acompanhamentos foram feitos pelo pianista Fritz Jank, com a sua habitual perfeição no mistér. — L. — "Diário de S. Paulo", 20-8-41."

"Realizou-se ontem, no Salão do Conservatório, um recital dos cantores Lia Fuldauer, soprano e Ernesto Kierski, barítono. Ambos os artistas agradaram o auditório pela interpretação dada ao programa, composto de trechos de óperas e de música de câmera. Ernesto Kierski, cuja voz volumosa e bem timbrada parece mais adequada ao gênero lírico, valoriza suas qualidades por fina compreensão artística. Lia Fuldauer, não menos bem dotada, imprime à execução o encanto de uma comunicabilidade muito expressiva. Os acompanhamentos foram excelentemente bem realizados pelo pianista Fritz Jank. — "O Estado de S. Paulo", 20-8-41."

Barroso Netto

Faleceu a 1 de Setembro, no Rio de Janeiro, o grande compositor brasileiro Joaquim Barroso Netto.

A vida de Barrozo Netto não foi longa porém aproveitando a brevidade dela, deixou óbra imensa e valiosa.

Balzac, o saudoso escritor, dizia sempre aos que o rodeavam, que a vida era muito curta para que êle pudesse completar a sua óbra tão grande. Essa a justificação de seu excessivo trabalho. E, como Balzac, Barrozo Netto trabalhou incessantemente até mesmo quando já atacado pela enfermidade que um dia haveria de arrebatá-lo.

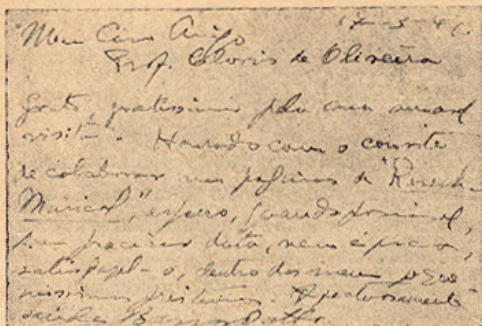
Esta revista que há dois anos precisamente dedicou um número especial a Barrozo Netto, publicou naquela ocasião um valioso artigo da autoria do Sr. Tapajoz Gomes (1), em que este ilustre escritor estudou na íntegra, a vida artística do eminente compositor. O ex-aluno de Henrique Braga (teoria e solfejo), Frederico Nascimento (Harmonia), Alberto Nepomuceno (Contraponto, Fuga, Composição e Órgão) e de Alfredo Bevilacqua (Piano), foi "o que mais diplomas e medalhas conquistou" no antigo Instituto Nacional de Música. Como professor da Escola Nacional de Música deixou importantes herdeiros da sua incomesuravel capacidade artística e musical, dentre os quais cumpre-nos destacar Milton e Heitor de Lemos, Arnaldo Estrela e Aires de Andrade, Rossini de Freitas e Aloisio de Alencar, e outros.

Transcrevemos alguns tópicos da citada biografia que Tapajoz Gomes tão sabiamente traçou:

"Brilhantíssima foi a longa fase em que Barrozo Netto se manteve no cartaz, considerado um dos maiores virtuoses brasileiros do momento. Pianista completo, dominado por temperamento sensível, sua execução sempre se impôz pelo caráter sadío de que se revestia e pelo encanto com que se comunicava ao auditório. Dispondo de recursos pianísticos excepcionais, Barrozo Netto foi um arrebatador de platéias, que realizou audições memoráveis.

Resta o compositor, que a gaita de foles revelou e que o primeiro piano estimulou brilhantemente, para realizar uma longa, variada, multiforme e bela bagagem, que se veio avolumando através dos

Meu Caro Amigo 17-3-46
Prof. Clovis de Oliveira

Grato, gratíssimo pela sua amavel visita. Honrado com o convite de colaborar nas páginas da "Resenha Musical", espero, [illegible], satisfazê-lo, dentro dos meus [illegible]. Afectuosamente [illegible] Barroso Netto.

Manuscritos de Barroso Netto.

anos, inspirada nos seus primeiros romances de amor, nas próprias horas de angústia e de sonho, de esperanças e de desânimos, de trabalhos e de aplausos, de lutas e de consagrações.

Romances de amor! Que o digam as páginas sinceras de "Adeus", de "Cantiga",de "Se eu morresse amanhã..." e de tantas outras, para piano e canto, sugeridas pela primeira musa inspiradora do artista!

Sincero com êle mesmo, que póde ser a bagagem musical de Barrozo Netto, senão a expressão de seu temperamento romântico e emotivo? Educado nos sãos princípios da escola clássica, a sua óbra é por isso mesmo solidamente alicerçada. Em qualquer página musical de sua autoria, sente-se o mestre que constrói com base segura e que, por isso mesmo, desafia as surprezas do tempo. E embora sempre progredindo tecnicamente e acompanhando a evolução, êle resistiu e resiste às imitações, repudiou e repudia os excessos de excentricidade dos nossos dias, mantem intacta a expressão romântica de seu temperamento, e conserva a unidade de forma, que caracteriza toda a sua óbra.

Escrevendo para piano e violino e outros instrumentos e para piano e canto, sua maior produção musical é, entretanto, para piano só. Nêsse gênero, explora todas as dificuldades da têcnica pianística, e em seu já longo repertório, há uma vasta contribuição de caracter pedagógico, dentre a qual quero destacar os "exercícios técnicos diários", escritos de colaboração com o professor Philipp, do Conservatório de Paris, e adotados na nossa Escola Nacional de Música".

Criou o corpo coral, em curso de extensão universitária da Escola Nacional de Música, composto de duzentas e cincoenta vozes mixtas.

"Um grande serviço prestou Barrozo Netto ao meio musical do Rio de Janeiro quando fundou e manteve, durante alguns anos, o Trio Barrozo-Milano-Gomes, cujos

programas de música de camera ficaram como padrões de organização e de desempenho. Presidente da antiga Sociedade de Cultura Musical, onde realizou concertos de caracter educativo e onde teve oportunidade de promover audições de música coral, sob sua direção; três vezes comissionado pelo Governo Federal para estudar os conservatórios da Europa, Barrozo Netto aproveitou-se dessas oportunidades para realizar concertos de propaganda da nossa música, em Paris e Bruxelas.

Sua óbra musical é vasta. Cito, de memória, entre as suas peças mais populares: "Canção da Felicidade", "Canção da Saudade", "Perdão Felicidade!", Saudade amiga", para canto. E para piano: "Rapsódia guerreira", "Minha terra", "Galhofeira", "Variações sobre um têma original", "Chôro", "Alegria de viver", "Em caminho", Cachimbando", "Tarantela", numerosos pequenos quadros, como as "Sete peças características", recentemente publicadas, e outras."

Esse, em resumo, o notavel compositor que o Brasil acaba de perder!

Como "virtuose" deixou fama imorredoura e como compositor deixou óbras de alto mérito — verdadeiras e colossais colunas que contribuiram poderosamente para alicerçar a construção do grande edifício do patrimônio musical da nossa Pátria!

Barrozo Netto não morreu! Barrozo Netto apenas, transferiu-se da glória efêmera e material para a gloria divina da imortalidade!

---

(1) "Resenha Musical", 1939. Nos. 11, 12 e 13, dedicados a Barrozo Netto; 14 e 15 — trazem um índice bibliográfico completo de suas óbras.

Impressões Norte-Americanas

(Colaboração especial para a RESENHA MUSICAL)

PROF. LUIZ HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO

I

Dois dias depois da nossa chegada a Washington, Mrs. Robertson, consultora, para a parte de folclore, da Divisão de Música da União Pan-Americana, convidou-nos para uma reunião, à tarde, em sua casa. É uma especialista de alto valor, que vem despendendo o mais inteligente e extremado labor no estudo dos instrumentos populares, que ela faz reproduzir em grandes desenhos minuciosamente esquemáticos, cuja técnica, relatada pelos músicos populares, descreve com fidelidade, completando o quadro de cada um pela gravação de discos, que revelam o som exato dos mesmos e a espécie de música que lhes é destinada.

Como, à tarde, saimos juntos, da União Pan-Americana, ela me convidou para acompanhá-la nas compras de comes e bebes que ia fazer, para essa reunião, e ajudá-la no transporte dos embrulhos. — Deixei a incumbência ao meu amigo Egídio de Castro e Silva, pois tinha no bolso algumas cartas urgentes, para pôr no correio. E quando, uns três quartos de hora depois, no automovel do Dr. Charles Seeger, chefe da Divisão de Música, chegamos à sua casa, tivemos que esperá-la, ainda, por uns instantes. Mas o hóspede de honra estava conosco, pois fazia parte do nosso automóvel: era Henry Cowell, o editor da **New Music**, publicação que tem contribuido enormemente para a causa da música moderna, nos Estados Unidos, e que em 1937 atribuiu a Lorenzo Fernandez, nos Festivais Sinfônicos de Bogotá, o prêmio que coroou o seu **Batuque** da ópera **Malazarte**.

Ultimamente Henry Cowell tem percorrido o país exibindo-se como pianista, em suas próprias composições, e várias vezes, com um ar divertido, o Dr. Seeger me havia dito que não perdesse uma oportunidade para ouví-lo, pois a sua maneira de tocar tinha alguma coisa de extraordinária. Era um homem, disseram-me, sem nenhum preparo esco̧lar; um perfeito autodidata, que criara a sua própria técnica instrumental. Pensei, pois, que ia deparar com um pianista de dedos duros e espetados, de movimentos de braço acanhados, de dedilhação confusão e pitoresca. Tanto assim que, após o **iced tea**, êle se sentou ao piano, e começou a tocar, não quiz aproximar-me, logo, com receio de vexá-lo, com a minha indiscreta observação. Mas, do fundo da sala, os presentes me acenavam para que me aproximasse do piano. A sua música soava normalmente, numa evidente preocupação de acordes impressionistas, largos e orquestrais; a minha surpreza, pois, foi de embasbacar, quando ví o seu punho esquerdo, cerrado, descer sobre os baixos, enquanto muitas vezes, na mão direita, ele usava os dedos esticados sobre as notas pretas, e a palma da mão sobre as brancas abaixando-as simultaneamente. Não era a sua maneira de **tocar piano** que se revelava **sui generis**; era a maneira de **compor para o piano**. Era um novo problema de sonoridades, e uma solução para obtê-las, que êle pro-

punha. Suas inovações não se restringiam a tocar com o punho cerrado, ou com a mão espalmada, abaixando teclas contíguas; a um dado momento êle começou a empregar todo o ante-braço, do cotovelo às falanges do punho cerrado, ora deixando-o cair ao comprido, sobre as teclas, ora produzindo um especialíssimo glissando, pelo abaixamento rápido daquela parte do braço, do cotovelo para o punho, ou vice-versa. A melodia, na parte alta do instrumento, chegava a ser obtida por esse mesmo processo, exigindo uma precisão muito grande para que a ponta do cotovelo não ultrapassasse a nota que lhe dava o exato contorno. Era maravilhoso! E o mais extraordinário é que, fechando os olhos, não se podia ter a impressão dos movimentos que originavam aquelas sonoridades. A música de Cowell soava **normalmente,** com agregados sonoros perceptivelmente apenas um pouco mais complexos do que os de Ravel ou Falla.

Em geral as composições de Cowell tem títulos sugestivos, que as imagens musicais comentam muito bem. Ouví um mar encarpelado, num crescendo de sonoridades tumultuosas, obtidas pelo jogo afoito dos dois ante-braços, que fazia empalidecer o **S. Francisco sobre as ondas,** de Liszt; da mesma maneira que os **Jeux d'eaux à la villa d'Este,** dêsse autor, fica inexpressivos perto dos **Jeux d'eau** de Ravel ou outras impressões aquáticas do debussysmo e post-debussysmo.

Uma da suas composições emprega um **pizzicato,** obtido pela ação direta dos dedos sobre as cordas do piano; e êsse som diferente, às vezes formando melodia, ouvido simultaneamente com os que a outra mão obtinha, com a execução normal, constituia, na verdade, uma conquista inédita da técnica pianística; a única novidade substancial que a literatura do piano apresenta, depois do apogeu oitocentista. Mas Cowell ainda levou mais longe as sua experiências. Numa outra peça, pediu a Egídio Castro e Silva que se sentasse ao piano, afim de controlar os pedais, de acôrdo com as suas indicações e êle, em mangas arregaçadas de camisa, debruçou-se sobre o cepo, utilizando-o como uma arpa. . Mas as suas mãos, sobre as cordas do piano, faziam o que as de um arpista habitualmente não são capazes, em seu instrumento. Com a mão espalmada êle friccionava as cordas, tanto no sentido do seu comprimento como transversalmente, obtendo um zumbido musical que a mão esquerda às vezes acompanhava em **pizzicato.**

Na verdade esta foi a minha primeira impressão musical de vulto nos Estados Unidos. Extravagância? Puro pitoresco, sem articulação com a arte? Em todo caso penso que ao menos um caminho novo, Henry Cowell apontou, aos compositores do seu tempo. E em suas obras respirei o ar não viciado, da arte que inventou alguma coisa; que desprezou o comodismo das sendas muito trilhadas.

II

Uma destas noite, com muito calor e uma lua muito bonita, saimos a passear. Tomamos a direção do **Lincoln Memorial** e, ladeando o imenso espelho de água que o precede, e que nessa noite de verão só refletia a claridade azul do luar, pois todas as luzes da iluminação pública estavam apagadas, afim de reforçar o mágico efeito, ascendemos a pequena colina em que se eleva o magestoso monumento. Dentro da colunata, impressionante pelas proporções e pela singeleza, a magnífica estátua de Lincoln, tão humana, resplandescente de espírito e de vivacidade, estava transfigurada pela sábia iluminação do monumento, que esparge sobre ela um halo esverdeado e misterioso, que não se percebe de onde vem. Muitas dezenas de peregrinos admiravam-na, como nós, movendo-se respeitosamente nas grandes lages do templo "como no coração de seu povo", a memória do heroi da unidade nacional será conservada através dos séculos. Quando saimos, demoramo-nos alguns instantes sentados nos degraus de pedra, contemplando

MEU MELHOR Negocio...
...minha residencia no
SUMARÉ
construida imediatamente
para ser paga a longo prazo
informações na
SOCIEDADE SUMARÉ LIMITADA
INSCRIPÇÃO N.º 28 NO REG DE IMS. DA 5.ª CIRCUNSC.

o panorama de Washington, que se estendia familiarmente ao redor de nós, marcado pelo obelisco a Washington e a cúpula iluminada do Capitólio. Depois contornamos a colunata e sentamo-nos em frente ao rio Potomac e à **Arlington Memorial Bridge.** Muitos visitantes tambem tinham escolhido esse sítio para repouso; e descobrimos logo que não sem um motivo especial, pois de longe chegava-nos uma música indistinta aos ouvidos. No **Water Gate**, palco flutuante, no meio do rio, havia concerto. Não eram sons de uma sinfonia clássica, o que ouviamos; a valsinha cuja letra alguem já começava a sussurrar a meu lado tinha todos os característicos do mais vulgar Victor Herbert. Mas evidentemente era música muito familiar a todos aqueles americanos cujas fisionomias resplandeciam de satisfação e que não resistiam ao impulso de juntar suas vozes ao conjunto de executantes. No palco flutuante sentava-se uma grande orquestra e encontravam-se diversos grupos de cantores. Aproximamo-nos para ver de perto o espetáculo insuspeitado. Pela **Riverside Drive**, entre nós e o **Water Gate**, o imenso tráfego de automóveis de Washington prosseguia silenciosamente, sem perturbar com buzinas ou explosões de motor a música que vinha do rio. Nas arquibancadas fronteiras uma multidão calculada pelos jornais do dia seguinte em 30.000 pessoas, assistia ao concerto, enquanto pela murada do rio, e pela **Memorial Bridge**, o povo que não havia adquirido ingressos procurava colocar-se nos pontos mais favoraveis.

Todo o programa do concerto — logo o percebí — era constituido por canções familiares ao povo, patrióticas ou não. — E o regente voltava-se para a audiência, afim de que ela juntasse suas vozes às dos cantores do palco. **"Sing, America, Sing"**, intitulava-se essa reunião, destinada a renovar, pelo canto coletivo, a confiança do povo nos destinos da América. À medida que as canções tornavam-se mais conhecidas, maior era a massa de cantores cujas vozes, partindo das arquibancadas, do meio da rua, ou do enorme número de canoas e lanchas que circundavam o palco flutuante, se juntavam aos cantores. O espetáculo apresentava-se surpreendente e atingia o climax do entusiasmo. Soldados abraçados uns com os outros, raparigas ageis e graciosas, com os cabelos ao vento, senhoras respeitaveis, com aquela admiravel disposição e alegria de viver das velhas americanas, homens de todas as idades e de todas as condições, toda a audiência cantava **On the Swanee River, God bless America** ou **Sweet Adeline.** Nos cânticos patrióticos a assistência punha-se de pé, nas embarcações, todos os remos ficavam para o alto e, em dado momento, para o lado de Arlington, começaram a elevar no céu, maciamente, sem explosões, fogos de artifício.

Quando nos afastamos, pelas ruas visinhas, a multidão que se retirava ainda cantava. E todos tinham, estampada na fisionomia, a satisfação e o estímulo que haviam haurido no canto. **God bless America!**

III

Escrevo de Galax, uma cidadezinha nas montanhas, ao sul da Virgínia, sem estrada de ferro, sem ônibus, sem bondes, sem igreja católica. Aquí viemos ter para assistir à **Old Fiddlers' Convention** (concurso anual de músicos populares, em que tomam parte tocadores de **dulcimer** — um estranho instrumento popular, mixto de cítara e de alaude — de **fiddler** — o violino comum executado à velha moda inglesa, com uma técnica especial — de violão, de banjo, cantores e conjuntos instrumentais típicos). O **Recording Laboratory** da Biblioteca do Congresso, em Washington, que está a serviço de um arquivo de música folclórica destinada a ser o mais importante do mundo, enviou o seu caminhão, construido especialmente para excursões desta ordem, com todo o seu aperfeiçoadíssimo aparelhamento de gravação e um engenheiro especialista, que conduz, êle

próprio, o caminhão, e manobra a sua delicadíssima aparelhagem.

Ante-ontem à noite terminou a competição, na modesta praça de esportes de Galax, toda embandeirada (como a cidade, ela mesma), profusamente iluminada e cheia de **Welcomes.** A população local e dos arredores se apinhava nas arquibancadas, em frente ao altíssimo estrado, em que se sucediam, diante dos microfones, os artistas populares, entusiasticamente aplaudidos. Vimos **cow-boys** do Texas, sacramentalmente enroupados e armados, tocando violino; um grupo de negrinhos encarapinhados e bem enfatiotados entoou **spirituals** a 3 vozes. Mas o que predominava era a velha música inglesa das baladas e dansas, energicamente ritmada, fanhosamente melodizada.

Ontem, o **chiropractor** R. C. Bowie, candidato a deputado para a Câmara do seu Condado, ofereceu um pic-nic aos visitantes de Washington: nós e o pessoal da **Library of Congress.** Ele e o dr. Davis — as duas autoridades médicas de Galax — são os organizadores e animadores das **Old Fiddlers's Conventions.** O dr. Davis pertence a essa fauna de modestos auxiliares do folclore, que passam a vida coligindo o material da sua região e dando impulso às manifestações mais características da vida popular. Neste país eles são centenas, e o seu concurso é inestimavel para os estudiosos. O dr. Davis tem recolhido muitas centenas de velhas baladas, íntegra, ele mesmo, um conjunto de músicos populares e, há vários anos, é o promotor dessas competições musicais a que viemos assistir. Bowie, com a sua jovialidade, palrapatice cheia de disposição e de detestavel sotaque, incompreensivel para os nossos ouvidos pouco exercitados, havia sido o

speaker da véspera, mantendo em constante hilaridade e ininterrupta atenção a sua vasta audiência. O "pic-nic" foi num aprazivel sítio de **Cumberland Park**, perto de um velho cemitério familiar, que abriga umas poucas duzias de lápides, a maioria sem inscrições, e de um terraço, sobre a vertente da serra, do qual se avista um soberbo panorama.

Quando terminamos a refeição a noite tinha caído. O grande fogo em que haviamos assado as salsichas, na ponta de galhos secos usados como espetos, ainda crepitava; mas fóra da luz avermelhada e movel que as labaredas espalhavam, uma penumbra crescente tornava indistintas as fisionomias e as coisas. Bowie pediu-me para cantar alguma coisa do Brasil, e fez igual pedido a minha mulher. Mas nós, é claro, com um tremendo respeito humano latino-americano e uma ainda mais sensivel falta de hábito de tais exercícios vocais, recusamos polidamente. Ele recorreu então, a Elisabeth Lomax, uma encantadora meio-loura, esposa do eminente folclorista Alan Lomax, que dirige, na **Library of Congress**, o **Archive of American Folk Song**. A sua voz se elevou brandamente, na cariciosa briza noturna, logo acompanhada pela de Mrs. Wiesner, esposa do engenheiro do som; o **cantus gemellus** dos velhos povos nórdicos enchia a cla-

reira, entoado veladamente pelas duas moças. Canto após canto, iam elas desfiando melodias tradicionais, familiares aos seus compatriotas. E pouco a pouco tambem êles puzeram-se a cantar. O casal Bowie, dr. Davis e esposa, Charles Seeger, Wiesner, todos cantavam as velhas canções recolhidamente, emocionadamente.

Era noite fechada. Cigarras e grilos chiavam continuamente. O alegre fogo das salsichas reduzia-se a algumas brazas rubras, formando uma mancha luminosa no solo. E do alto, a claridade da noite profusamente estrelada fazia ressaltar a copa das grandes árvores e penetrava imaterialmente pela clareira.

Nunca sentí, como nessa noite, no meio da floresta, a centenas de quilómetros de distância dos teatros e salas de concerto, a nobreza da voz humana que canta.

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil e no exterior.

Registrada de acôrdo com a lei e no D.I.P.

Uma assinatura anual de RESENHA MUSICAL custa apenas .... 20$000
Número avulso .... 3$000
Suplemento avulso ...... 3$000

Fundada em Setembro de 1938.

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas crônicas assinadas.

Colaboração nacional e estrangeira, escolhida e solicitada.

RESENHA MUSICAL não devolve originais. Suplemento Musical, especial

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, números atrazados, extraviados ou anteriores à data da assinatura.

Correspondentes em quasi todas as cidades do Brasil. Aceitamos representantes em qualquer cidade do país ou estrangeiro.

ANUNCIOS: FONE 5-4630.

Redação: Rua Cons.° Crispiniano, 79, 8.° andar — S. PAULO.

Haydn, autor do Oratório "A Creação".

Concertos

Peof. Clovis de Oliveira

●

CONCERTO SINFÔNICO

Reg.: Camargo Guarnieri; solista, Hugo Balzo.

Simplesmente notável o concerto sinfônico promovido pelo Departamento Municipal de Cultura, realizado a 14 de Agosto, sob a regência do ilustre Maestro Camargo Guarnieri, participando de modo brilhante o eximio pianista uruguaio Hugo Balzo.

A 1.ª parte constou, além de Rienzi (abertura), de Wagner, de duãs obras em 1.ª audição, de B. Pasquini e de Alberto Nepomuceno. Deste compositor brasileiro foi executada a Suite à antiga, obra bem feita principalmente nos detalhes que a caracterizam. A execução do Prelúdio e do Minueto, principalmente deste, refletiu com discreção e acerto o valor das obras pela movimentação feliz e de envolvente finura. O último trecho "Rigaudon", desenvolve-se motivado por um têma bem inspirado. O Maestro Camargo Guarnieri, soube conduzir a orquestra com muita musicalidade, demonstrando sua capacidade condutora que elevou-se ainda mais, ao reger as Variações Sinfônicas, de Cesar Franck e o Concerto para a mão esquerda, de Ravel, com o concurso do consagrado pianista Hugo Balzo. Deste simpático pianista, já tivemos oportunidade de fazer ligeiras referências, porém, desta vez, somos obrigados a novas palavras porquanto Hugo Balzo com a execução extraordinàriamente virtuosistica do Concerto de Maurice Ravel, galgou uma culminância quasi que inatingivel na escala pianística. É inegavelmente um dos maiores pianistas da América Latina. Nêle integram a cultura musical, o senso estético e a técnica pianística formando um artista de primeira grandeza.

O público entusiasmado pela admiravelmente bela execução de Hugo Balzo, dedicou-lhe merecidos aplausos prodigalisados, também, ao competente Maestro Camargo Guarnieri, que dirigiu com acerto a orquestra do Departamento que, por sua vez, se houve com excelência.

A CREAÇÃO, DE HAYDN

Reg.: Ernesto Mehlich.

A Sociedade Filarmónica de São Paulo, num esforço digno de nota, conseguiu após um cúmulo de sacrifícios, levar pela primei-

ra vez, em português, em tradução do Maestro Mehlich, a imortal obra de Josef Haydn, "A Creação".

Esse importante concerto realizou-se a 20 de Agosto, às 21 horas, no Teatro Municipal. O interêsse despertado por êle justificava-se pelo valor da obra que ia ser executada e isso deu ensejo para que ao nosso principal teatro afluisse um grande público.

É digno de elogios o esforço do Maestro Mehlich, que dedicou-se integralmente ao preparo dessa execução que, para gaudio de todos que dela participaram, e, mesmo, do meio artístico de São Paulo, teve feliz desempenho.

A execução do Oratorio foi magnífica e causou-nos satisfação. Infelizmente os solistas deixaram a desejar, porém, o Coral Filarmônico fez uma estréa que excedeu a espectativa. Sua atuação caracterizou-se pela unidade, elasticidade vocal, recatamento artístico e interpretação digna.

A orquestra atuou esmeradamente sob a regência do Maestro Ernesto Mehlich, a quem São Paulo fica a dever essa importantíssima realização musical.

JOSEPH BATTISTA

A 25 de Agosto, a Sociedade de Cultura Artística, promoveu um concerto do jovem pianista norte-americano Joseph Battista, vencedor do "Premio Guiomar Novais", de 1941.

Poucos pianistas jovens tanto interêsse causaram ao nosso público como êsse adolescente ianque. E êsse interêsse foi satisfeito porquanto Joseph Battista dono de uma técnica excelente e musical, aliada a muito virtuosismo, executou um programa misto onde figuravam Bach, Beethoven, Chopin, Debussy, O. Pinto, Rachmaninoff, e Strauss-Grunfeld. De suas execuções, apenas as obras de Bach não refletiram o estílo peculiar do grande mestre alemão. Todas as outras patentearam mais o pianista e o seu refinado temperamento do que o artista, observação esta facilmente esplicavel pela pouca idade do inteligente pianista. Mesmo assim a Sonata "Ao Luar", de Beethoven, foi interpretada com relativo sabor artístico, destacando-se nêsse sentido o **Adagio sostenuto,** rico em cores; o último tempo **"Presto Agitato"** foi prejudicado pela falta de clareza, inconveniente causado não pelo andamento do trecho mas pela préssa ou precipitação com que é executado pela maior parte dos pianistas, erro esse em que insidiu, também, o recitalista. Da parte chopiniana, destacou-se a execução do Estudo op. 10, n.º 8, versado por extrema delicadeza que imprimiu muito encanto e equilíbrio aliada ao fraseo da mão esquerda, límpido e exato. As outras peças que executou vieram comprovar

o vigor do talento e a magnífica formação pianística de Joseph Battista, que o farão em futuro próximo um dos grandes artistas do teclado.

O público que lotava literalmente o Municipal, exigiu muitos extras que foram executados com espontaneidade e fineza.

LA CROIX DE BOIS

São Paulo viveu momentos de verdadeira felicidade, dessa felicidade que sente-se vir de longe, do infinito ou do céu, ao ouvir com a alma e com o coração, os meninos cantores de "La Croix de Bois", dirigidos pelo Revmo. Pe. Maillet. E a Sociedade de Cultura Artística, quís que essa felicidade ou graça divina fosse alcançada, também, pelos seus sócios e, com êsse fim, apresentou-os em seu 479.º Sarau, realizado a 28 de Agosto, no Municipal.

Vozes do Céu! único e exato denominativo aos meninos cantores de "La Croix de Bois". Ouví-los é como que sentir a alma envolvida por fluídos de bondade e pureza. Seus cantos são de angelical beleza. Suas interpretações são como que ditadas pela vontade de Deus! Aqueles meninos cantam com um senso de arte que nem todos sabem ou podem compreender. Seus efeitos vocais são frutos de uma perfeição técnica que só mesmo a percepção artística, extraordináriamente artística, do Revmo. Padre Maillet poderia evidenciar.

Não deveremos por um dever de respeito a sublimidade da arte apresentada distinguir quais as peças interpretadas com mais acerto ou mais apreciadas pelo público, quando elas formando um conjunto de valores, um todo empolgante, trouxeram-nos as subtilezas de uma música encantadora.

Os Hinos Nacionais de França e do Brasil, coroaram com as bençãos de duas nações amigas, enlaçadas por sagrada e tradicional amizade, àqueles pequenos cantores interpretes da alma ferida da honrada França!

SOCIEDADE BACH

Realizou-se a 28 de Agosto, no Clube Piratininga, um bem organizado Sarau musical, dedicado à música de J. S. Bach, a qual vem

se dedicando essa Sociedade com muita perseverança e critério artístico. Participaram do mesmo, a ilustre cantora Hilda Lissauer, que interpretou com muita seriedade, demonstrando excelentes qualidades vocais, "Komm Suesser Tod", "Gib Dich Zufrieden" e "Gott Lebet Noch", de Bach, além de uma ária de "Xerxes", de Haendel. Compreendeu a 11 parte, "Aria com 30 Variações", p. piano, de Bach, executados pelas festejadas pianistas Lavínia Viotti e Tatiana Braunwieser. Encerrou o programa, o Coral da Sociedade, sob a direção do abalizado maestro Martim Braunwiezer.

EUNICE CATUNDA

Esta jovem pianista que vêm se destacando brilhantemente em nosso meio artístico, apresentou-se com respeitavel autoridade em concerto público realizado a 5 de Setembro, no Teatro Municipal.

Não é nosso objetivo discutir qual foi a sua melhor interpretação; vamos, apenas, relatar o juizo e critério que formamos de suas inegaveis qualidades que fazem-na pianista de forte tempera, de fina liga de dotes artísticos. O que chamou-nos logo a atenção, foi a execução admiravel de sua mão esquerda. Nela há potência, agilidade de dedos, de jogo e de salto, firmeza nos ataques e na sonoridade. Gostariamos até de ouví-la em outra ocasião, executar algo para mão esquerda só. Sua disposição ao tocar permite-nos ouví-la com enorme prazer. E, dêsse prazer, ela transporta-nos ao mundo de suas fadas, colorido pelo som que seus pianísticos dedos, leves ou impetuosos, fazem surgir esplendidamente do teclado. É pena que a pedalização não corrobore a ação de suas mãos e do seu brilhante talento. Mesmo assim à Eunice Catunda não faltam outros predicados essenciais para uma artista de futuro brilhante aliás, êsse futuro predito, já é o presente que outra cousa não é, senão, o dia de hoje, como bem disse Bergson, a ponta extrema do passado. Em conclusão, Eunice Catunda é uma brilhante pianista que enobrece a ilustre pleiade de artistas da nova geração brasileira.

CONCERTO SINFONICO — Reg.: ARMANDO BELLARDI — Solista: ANTONIETA RUDGE.

Em comemoração ao "Dia da Pátria", realizou-se a 7 de Setembro, no Municipal, um ótimo concerto sinfônico, sob a regência do ilustre maestro Armando Bellardi, promovido pelo Departamento Municipal de Cultura, tendo prestado seu importante concurso, a eminente pianista brasileira Antonieta Rudge.

Pela 2.ª vez, tivemos o grato ensejo de ouvir a 9.ª Sinfonia, de Beethoven; melhormente preparada, agradou-nos muito mais que da vez anterior. Devemos destacar a maneira impecavel com que o maestro Armando Bellardi conduziu a grande orquestra do Departamento, assim como a atuação esplêndida da referida orquestra que encontra-se em forma, tendo produzido uma execução digna da grande obra de Beethoven, refletindo a interpretação precisa e artística imprimida pela maestro Bellardi. O Coral Lírico manteve-se com discreção, agradando sobremaneira as partes ao seu cargo. A única e lamentavel falha que destoou do conjunto coube às vozes solistas.

A seguir ocupou a nossa atenção o Concerto, de Grieg, executado pela notavel pianista brasileira Antonieta Rudge, acompanhada pela orquestra sob a direção do maestro Armando Bellardi. A reaparição de Antonieta Rudge, provocou por parte da numerosa assistência, uma ovação merecida à grande artista. A execução do Concerto, deu-se de maneira magistral, onde a musicalidade de Antonieta Rudge deu provas de admiravel expansão e intensidade. Suas frases são nuançadas por uma técnica coloristica que sublimisa a obra que executa. Antonieta Rudge ainda é a grande pianista que sempre aplaudimos com calor e orgulho; ainda é a grande artista que arranca do teclado não um mundo de notas mas um "bouquet" de finas flores sonoras cuja olência sutil perpassa os nossos sentidos até a nossa alma!

Aos largos aplausos da assistência Antonieta Rudge executou vários extras. O público ovacionou entusiasticamente o regente, o Coral Lírico e a orquestra, após a execução do glo-

rioso Hino Nacional, de Francisco Manuel, que abriu e encerrou o programa.

WITOLD MALCUZYNSKI

A Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, no 480 Sarau de sua vida de realizações artísticas, apresentou pela 1.ª vez ao público desta Capital, o consagrado pianista polonês Witold Malcuzynski, considerado pela crítica mundial, como um dos respeitaveis "virtuoses" do teclado.

O programa foi todo dedicado ao genial compositor polonês, Chopin. Logo ao executar a primeira peça, verificamos estar em presença de um artista de real mérito cuja fama em nada excedeu o que na verdade ele é. Notamos, porém, que a sua principal preocupação ao tocar, é causar uma certa impressão no público, um certo exibicionismo, portanto, parcialmente razoavel pela sua pouca idade e não longa carreira. Isso insuflou-nos certo critério no modo como apreciar suas execuções. Mesmo assim a interpretação das Mazurkas foram traduzidas por jovial delicadeza, caraterizando-as pelo rítmo marcado com sensivel naturalidade. O Scherzo em dó sustenido menor, refletiu uma interpretação emanada de um temperamento eminentemente artístico. Executou, ainda, em extra, agradecendo os entusiásticos aplausos da numerosa assistência, dentre outras, a Polonaise opus 53, que reafirmou suas possantes qualidades técnicas, cuja vigorosidade em contraste com a leveza, aliou em fusão virtuosistica, duas qualidades que sabe dispor com invulgar maestria.

É um artista jovem que galpou triunfalmente, como poucos, uma culminancia na arte pianística e que ainda cobrir-se-á de muitas glórias porque possue o maior dote possivel a um artista: a genialidade.

SOCIEDADE BACH

Angelo Camin

Realizando em 19 de Setembro, o seu LIV Saráu, a Sociedade Bach de São Paulo, apresentou aos seus numerosos socios, o ilustre organista patrício Angelo Camin. Este jovem artista, que por diversas vezes, teve oportunidade de revelar sua abalizada cultura musical — quem, na verdade, pode se intitular organista, como Angelo Camin, é um músico completo. Muitos são os requisitos exigidos no campo da música para inteirar um organista. Mas, infelizmente, muitos são os que se intitulam "organistas" só porque muito mal tocam "harmonium". Da execução do "harmonium" para a do órgão dista muita diversidade técnica. E dentre os que verdadeiramente entre nós, se dedicam ao órgão, como solistas, figura Angelo Camin, cuja execução é um mixto de seriedade artística, cultura musical — repito — e virtuosidade.

O seu programa, obedecendo ao critério da sociedade para a qual tocou, era composto de óbras do grande J. S. Bach.

Proporcionou-nos a Pastoral (Pastoral Andante, Adagio e Final), Partitas sobre o Coral "Ó Deus Misericordioso e o Prelúdio e Fuga em ré maior, que integraram a II Parte, todas tratadas com esmero musical, revelado nos matizes variegados, no volume bem dosado e no ritmo admiravel. Angelo Camin é, com justiça atualmente o mais destacado organista brasileiro.

EUNICE DE CONTE, NA PRÓ ARTE

Interessante para quem se der ao trabalho de remexer em programas antigos, arquivados em gavetas esquecidas, verificará uma cousa muito significativa para a cultura musical feminina, é que sempre aparece o nome de uma violinista em evidência. Não obstante essa evidência é efêmera e o ostracismo relega a artista a um plano de inferioridade absorvente.

Ao contrário ao que acima ficou dito, venho seguindo com interesse já de anos o evoluir da arte violinística de Eunice De Conte. Ao inverso das outras, esta artista firmou seu renome, pela perseverança. Aliando em si qualidades de superior quilate artístico, Eunice De Conte, em cada apresentação, denota um crescendo constante em sua arte, porque possue alem de fulgurante talento, uma belíssima técnica.

Do seu programa para a Pró Arte, realizado a 19 de Setembro, executou Haendel, Debussy, Camargo Guarnieri, Bazzini, Mozart, Veracini e outros.

— A Pró Arte promoverá proximamente, mais um concerto, da grande pianista vienense Poldi Midner.

N. da R. — No próximo número sairão crônicas de outros concertos realizados, que, por falta de espaço, deixamos de incluir no presente.

Dr. Eurico Nogueira França

É nosso correspondente na Capital da República, o ilustre crítico musical Sr. Dr. Eurico Nogueira França, residente à Rua Carvalho Monteiro, 44, para onde deverão ser enviados comunicados e convites.

CORREIO DO RIO

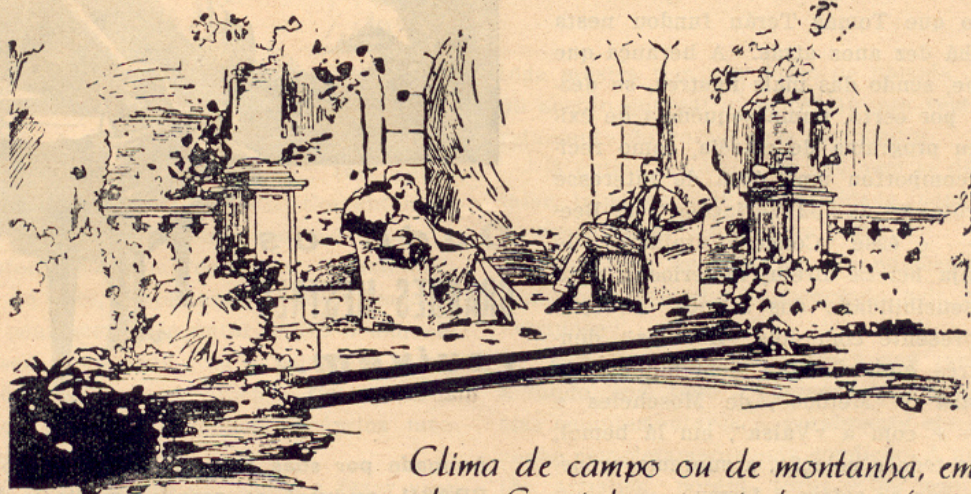
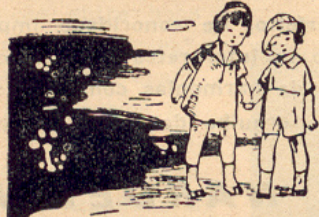
EURICO NOGUEIRA FRANÇA

Em 1937 fundou-se, no Rio de Janeiro, sob a Presidência do Maestro Francisco Braga e secretariada pelo Prof. Luiz Heitor — a "Sociedade Propagadora da Música Sinfônica e de Câmera", cujo programa, indicado pela sua denominação, vem se realizando em parte, isto é, no que diz respeito às atividades orquestrais. A orquestra da Sociedade, composta na maioria de legítimos amadores, levou a efeito, este ano, dois "Festivais" admiraveis, dedicados, respectivamente, a Mozart e a Bach. A 31 de Agosto fez ouvir, ainda, um Concerto de música moderna, com duas "Danças Antigas", de Respighi, o "Concerto", para violoncelo e orquestra, de Lalo, o Prelúdio de "L'Aprés Midi d'un Faune", e, em primeira audição para o Brasil, as "Bachianas", n.º 2, de Villa Lobos. O "Concerto" foi executado pelo jovem violoncelista Aldo Parisot, profundo estudioso do seu instrumento e a quem caberá, provavelmente, reatar a tradição, já espalhada pelo Brasil inteiro, de Alfredo Gomes e de Iberê Gomes Grosso. A orquestra é ensaiada e regida, de forma permanente, pelo Maestro Edoardo de Guarnieri que, com aqueles dois "Festivais" ,alcançou um sucesso irrestrito. Não diremos tanto do último concerto, mas basta consignar que o público se interessou pela audição e aplaudiu, com entusiasmo inequívoco, as "Bachianas", do mestre brasileiro. As graves "Dansas", de Respighi, foram, entretanto, o número mais cuidado do programa e atestaram, novamente, o esforço frutuoso do Maestro Guarnieri, frente à orquestra da Propagadora.

A Sociedade, ampliando o âmbito de suas realizações, tem efetuado recitais com artistas de nomeada e promovido, tambem, o aparecimento de novos valores. Em agosto, ainda, fez-se ouvir uma juvenil pianista, já conhecida do nosso público, como solista de orquestra e participante dum recital a dois pianos, mas que, agora, assumiu, sozinha, a responsabilidade dum belo programa.

RECITAL DE IVY IMPROTA

A carreira de concertista exige a predestinação do talento e uma longa disciplina. Num meio rarefeito, como o nosso, estamos habituados a enxergar, no primeiro concerto duma jovem pianista, apenas o coroamento dos estudos e uma espécie de derradeiro sacrifício, feito à causa da arte... Pois se existem, neste país, musicalidade e desenvoltura técnica, que são riquezas naturais, faltam as linhas mestras estabelecidas desde a infância — êsses aliados do tempo que se chamam a escola, o método, a tenacidade e a paciência.

Com relação à arte de tocar piano não se inventaram ainda nem se inventarão jamais, cursos relâmpagos, ou abreviados. A formação do pianista tem seu ritmo próprio, que independe dos contratempos ou das síncopes da existência habitual. É, portanto, compreensivel, e lícito, inquirir da proveniência e pesquizar-se, até, a árvore genealógica de determinado virtuose.

Clima de campo ou de montanha, em plena Capital e com todo o conforto das grandes cidades, só no
Jardim-América
ou no
Pacaembú
— duas maravilhas de urbanismo na metropole paulistana
Inscrições N.os 11, 14 e 8, nas 4.a, 2.a e 5.a Circumscrições
COMPANHIA CITY
A maior organização imobiliária e urbanística da América do Sul, estabelecida em S. Paulo desde 1912
89, RUA LIBERO BADARÓ

O ensino de piano, de feição medieval, no bom sentido, lembra, perfeitamente, uma corporação de artífices, onde se estabelecia uma transmissão direta, quase diriamos familiar, do professor ao aluno.

Ivy Improta, em plena adolescência, representa, de maneira promissora, a escola de piano que Tomás Terán fundou nesta cidade, há dez anos atrás. A herança que lhe coube, sendo das mais ilustres, se desdobrará, por certo, numa sequência de êxitos. Seu programa de estréia, como recitalista, comportou uma óbra de interesse fundamental — as "32 Variações", de Beethoven — e êsse "Concerto Italiano", de Bach, cuja beleza direta, imperiosa, tanto fala à sensibilidade dos latinos. Chopin estava presente com dois "Estudos", dentre os três que escreveu, sem número de opus, para o "Método", de Moscheles e Fétis, — e com a "Valsa", em lá bemol, que é, de toda a coleção, a suprema "réussite", no que se refere à forma.

A segunda parte compreendeu Debussy e uma pleiade de compositores brasileiros: Mignone, Itiberê da Cunha, e Villa Lobos do "Guia Prático". E, por fim, contrastando com a poesia etérea de Granados, em "La Maja y el Ruiseñor", tivemos a outra Espanha, encendida de cores, popularesca e heroica, da dificílima "Navarra", de Albeniz.

PEDIMOS AOS NOSSOS PREZADOS ASSINANTES A FINEZA DE NOS AVISAR SEMPRE QUE HOUVER MUDANÇA DE ENDEREÇO, EVITANDO EXTRAVIOS NA REMESSA DA NOSSA REVISTA.

Bons e Máos "Virtuoses"

Vincent D'Indy

Trecho de uma palestra realizada na Escola Normal de Música de Paris.

O qualificativo "virtuose", tem geralmente muita elasticidade... Correntemente, tem ele dois sentidos: um, o artista que se esforça por compreender e traduzir uma obra de arte, respeitando escrupulosamente o pensamento do autor, outro o daquele que sem preocupar com o valor e a significação da obra só procura tirar dela o melhor partido... para seus próprios interesses.

E assim, somos obrigados a fazer uma distinção entre bons e máos "virtuoses".

A primeira condição para sermos um bom "virtuose" é conhecermos a nossa arte; a segunda é o conhecimento profundo da obra a executar, de sua construção, de sua razão de ser, das modificações interpretativas que ela pode sofrer.

Mãos do célebre pianista Brailowsky.

A terceira condição é o conhecimento dos vários estilos.

Si tivermos que executar, por exemplo uma página de Bach ou os **Jeu d'eau de la Ville d'Este,** de Liszt os processos técnicos devem ser diferentes.

E chegamos à quarta condição: a assimilação das intenções expressivas do autor manifestadas pelos acentos musicais. O acento é tudo, em música. É no acento que tôda música tem seu ponto de partida, e é do acento que sai a expressão que vem diretamente do coração do compositor.

A quinta condição, de que nem se devia falar, tamanha a sua necessidade, consiste no respeito escrupuloso ao testo.

Pois bem, de todas estas condições unicamente a primeira é observada pelo máo "virtuose".

É preciso que ele conheça seu **metier** a fundo, com todo o acessório das acrobacias complementares e, geralmente ele preenche completamente esta condição. A questão artística, porém, torna-se-lhe completamente indiferente, como coisa que nem de longe o afete.

Como quer que seja o máo "virtuose" é sempre uma espécie de clow musical que é obrigado a obter seu sucesso mediante uma série de acrobacias.

O bom "virtuose" é apenas o simples e fiel servo da música ao passo que o máo, serve-se dela para chegar à notoriedade e à fortuna não importa através de quais cabotinismos.

Aquí eu falo aos alunos de uma escola musical e por isso insisto em recomendar-vos o seguinte: não tenteis nunca substituir-vos à música; procurai ser, simplesmente, interpretes fiéis, conhecedores da vossa arte a quem deveis, antes e acima de tudo, respeitar.

Chopin (*)

Pe. Luis Gonzaga Mariz, S. J.
Baía, Setembro de 1941.

Chopin foi o compositor genial que longe da pátria se inspirou melancolicamente na saudade.

Na sua melodia, deliciosamente torturada, perpassa uma nostalgia sem limites.

"Le style c'est l'homme", realizou-se totalmente em Chopin.

Ausente da pátria, com um grande ideal na arte e na religião, foi no sofrimento que gerou a sua música, diferente de qualquer outra, que não se filia em nenhuma escola.

A sua Marcha-fúnebre, é um filtro entorpecente, que tem qualquer coisa de fatalista.

A sua música, adolesceu, e desenvolveu-se, como que tamisada através do pressentimento da morte prematura.

Em Palma de Majorca, onde fora buscar a saude, na companhia fatídica de J. Sande, escreve:

"Três médicos me examinaram.

Um fio de parecer que eu morreria; outro que eu estava morrendo; e o terceiro que eu já estava morto. A pesar de tudo, continuo vivendo."

E viveu, de fato, ainda dez anos.

***

Em 1848, em Paris, após célebre concerto, que se pode chamar o canto do cisne, teve uma síncope prolongada no camarim.

Era o princípio do fim. Chopin assim o compreendeu.

"Sofro duma nostalgia estúpida, escrevia Chopin, e a despeito da minha perfeita resignação, preocupo-me, DEUS SABE PORQUE, com o que há-de ser de mim."

A idéia da eternidade envolvia-o. E à luz da eternidade coteja a sua vida passada.

"Que é feito da minha arte? Como malbaratei o meu coração! Já não tenho forças para nada! Estou perto do túmulo!"

***

O fim aproximava-se inelutavelmente. Rodeado, carinhosamente, dos seus muitos amigos, esperava a morte.

Anunciam-lhe o seu companheiro de infância, o Pe. Alexandre Jelowitçki.

Chopin recebe-o de braços abertos. — "Não desejaria morrer — disse-lhe — sem receber os últimos sacramentos, a-fim-de não desgostar a minha mãe, ainda que não os compreendo como desejas."

— Hoje é o aniversário do falecimento de meu irmão. Não me ofereces nada para êle? — diz o sacerdote.

— Que posso oferecer-te, responde Chopin admirado.

— A tua alma.

— Oh! já compreendi, exclamou Chopin. — É tua, toma-a.

O Padre Jelowitçki, ajoelha-se junto do

(*) Capítulo extraído do livro, no prélo, Entre Guerras.

leito do enfermo, e apresenta-lhe o crucifixo.

Chopin emociona-se e chora. Confessa-se, comunga e recebe devotamente a Extrema-Unção.

Terminado tudo, abraça o sacerdote, com um sorriso nos lábios, dizendo-lhe:

— "Obrigado, meu amigo, graças a ti não morrerei como um animal."

Viveu ainda cinco dias.

Finalmente Chopin, tomando uma atitude contrita exclamou:

— Agora vou entrar em agonia. É uma graça de DEUS, sabermos que se aproxima o nosso último momento. E DEUS concedeu-me esta graça. Não me perturbeis.

Pouco depois entrava no quarto do moribundo a ilustre cantora Condessa Patoçka. Chopin manifestou o desejo de ouví-la cantar antes de morrer.

Aproximam o piano, e Potoçka com a voz embargada pelos soluços cantou dous trechos. Chopin de olhos cerrados escutava enleado.

Aquela voz quente e magnífica, cantando junto do artista moribundo, veiu engrandecer aquele momento.

De súbito ouviu-se distintamente o estertor agônico de Chopin.

A artista silenciou. Todos quantos alí estavam, caíram expontaneamente de joelhos.

O médico aproximou-se de Chopin para perguntar-lhe se sofria.

— Já não sofro mais, respondeu.

Foram as suas últimas palavras.

Pouco depois, um ligeiro estertor, uma respiração mais acentuada, e a cabeça decaía-lhe inânime.

Deixara de viver. Viam se lágrimas em todos os rostos.

***

É comovedor ver no grande artista, que foi Chopin, após haver-se esquecido, durante tantos anos, da sua alma, voltar-se de novo para Deus.

Foi na hora da morte, a hora da verdade e da sinceridade, que Chopin mostrou quem era: um grande artista crente.

As exéquias, na Igreja de Madeleine, foram solenissimas. A multidão era compacta.

O mundo musical e literário, fez-se representar por Meyerbeer, Berlioz, Gautier e Janin.

A orquestra do Conservatório, executou magistralmente o "Requiem" de Mozart.

Lebefiere-Wély, tocou no órgão, o célebre prelúdio em si menor, que Chopin, sob o terror duma tempestade, compuzera, no Convento de Valdemosa, na ilha de Majorca.

E durante o enterro, soaram, pela vez primeira, os acordes soluçantes da Marcha fúnebre de Chopin.

O homem morrera.

A sua alma ficava, sublimada pela morte cristã, do genial artista.

P E R M U T A

RESENHA MUSICAL

Rua Cons.º Crispiniano, 79 8.º andar

S. PAULO

Desejamos estabelecer permuta com as revistas similares.
Ni deziras starigi intershanghon kun similaj revuol.
Deseamos establecer el cambio con las revistas similares.
Desideriamo scambiare la nostra rivista con le sue congeneri.
Nous désirons établir l'échange avec les revues similaires.
We wish to establish exchange with similar reviews.
Austausch mit aehnlichen Berufszeitschriften erbeten.

Carta Aberta

S. Paulo, 28 de Agosto de 1941.

•

Meu caro Koellreutter,

Assim que terminei a leitura de sua "Música de Câmera" (*), para canto, viola, corno inglês, clarineta baixo e tambor militar, sentí necessidade de lhe escrever para contar o quanto ela me interessou e tambem conversar um pouco com você. Si eu conhecesse mais a sua óbra, gostaria de fazer um estudo sôbre você como compositor, mas limitar-me-ia, desta vez, a comentar sua peça acima mencionada e expôr o meu ponto de vista sobre a teoria atonal. Vamos à sua peça. Acho que a escolha da poesia foi muito acertada e você a musicou bem. A imprecisão do assunto poético se uniu perfeitamente ao seu atonalismo. Nessa peça, tudo é indefinido. A linha musical do primeiro verso, é feliz, ondula e se inflexiona de acôrdo com a palavra, como as que se seguem. Sua felicidade é completada com a escolha do conjunto instrumental. A variedade de timbre, o seu emprego, tudo isso, cria uma atmosféra muito particular. Até o tambor militar, sempre empregado como reforço, ou então, marcador do rítmo, na sua peça atinge uma expressão, ou melhor, é expressivo. O seu rulo manso, dá-me a sensação "uma andorinha cruza no ar...". Somente o corno inglês acho-o numa tessitura um pouco aguda, por causa da dinâmica (pp) e (ppp) indicada na composição. Com dezessete compassos você me interessa muito mais que milhões de compassos doutros compositores... Quanta gente ao ler a sua "Música de Câmera" vai odiá-lo. Você será recriminado e alcunhado de corruptor do gosto musical! Não há de ser nada! Agora uma confissão: Cada vez que leio ou ouço uma peça atonal, surge-me um problema, o do belo. Nunca pude, ainda, apesar da minha franca simpatia pelo atonalismo, sem, entretanto, praticá-lo sistematicamente, encontrar belesa nas óbras escritas atonalmente. Tenho a sensação que essas óbras não chegam a ser belas, acho-as profudamente intelectuais. Tenho a impressão que o compositor, assim que traçou o seu plano formal começa a escrever pensando exclusivamente na relação íntima dos doze sons e nas tendências atrativas deles. A meu vêr, a condução das linhas possúe um sentido mais visual que, propriamente, auditivo. Talvez seja êsse o motivo porque a música atonal não me proporciona prazer estético, portanto, não me emociona, não me comove. Acho, não obstante, muito interessante as óbras atonais e uma delas é a sua "Música de Câmera". Mas será que a finalidade do artista é produzir óbras interessantes? Poderão me responder que eu, pessoalmente, não sinto a emoção que nelas se contêm, sou, nêsse caso, o único culpado. Pode ser! Admito o atonalismo, o politonalismo, a tonalidade de fugitiva de Machabey, enfim, tudo. Dizendo isso não estou afirmando a tonalidade fugitiva de dessas manifestações, está claro. Todos os meios são lícitos quando visam um fim puramente artístico, sincero. Por isso, admiro você. A sua "Música de Câmera", sobretudo o seu "Improviso e Estudo" para flauta solo me agradam muito. Quero antever em você a mesma transição porque passou Hindemit que a princípio escreveu tanta música complicada, obscura, e hoje, está tão claro, simples, perto de Bach...

Você é um artista nato. Creio em você. Se isso não fosse verdade, jamais teria escrito essas linhas.

Bom, páro aquí. Receba um abraço do seu amigo,

(a.) CAMARGO GUARNIERI

(*) Suplemento do n.º 37 da Revista "Resenha Musical".

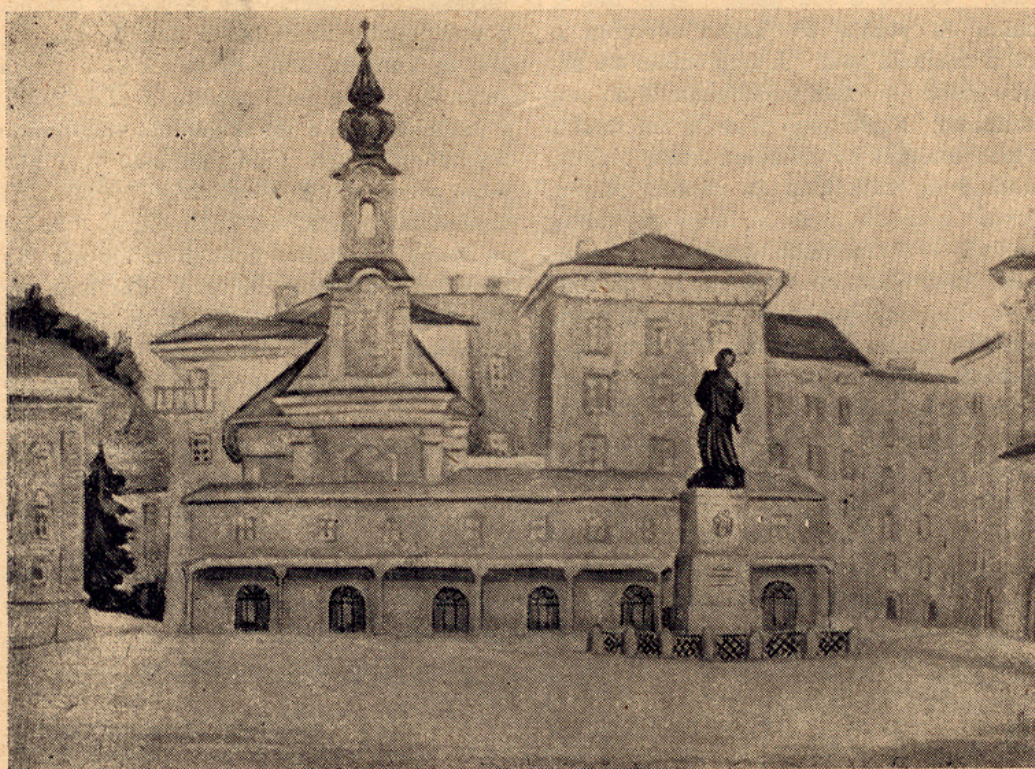
NOSSA ARTE

(Especial para Resenha Musical)

Barros — O MULATO

Saindo das divagações íntimas, do silêncio repousante dos "ateliers", o pintor e o escultor de hoje integram-se na agitação desses tempos que exige de nós uma energia e constância muito maior do que nos períodos áureos, em que a arte tinha o seu verdadeiro posto. Na luta incessante das competições o interêsse individual — disfarçado em refregas coletivas de agrupamentos que entre si mesmo se degladiam — o verdadeiro sentido estético desapareceu, vitimado de corrosão pelas coisas ínfimas da degenerescência.

***

No Brásil, em arte, distamos a poucos passos de Aleijadinho.

Praça Mozart, Salzburgo — por M. E. Wrede — que exporá dentro de alguns dias nesta Capital.

Desde que o homem é o reflexo de seu ambiente, aquele que o supera, numa visão mais grandiosa, torna-se incompreendido. Incompreensão que faz desaparecer o sublime na enchente vil dos interesses brutais. Estímulo, amparo, proteção, não existe. Porque?

Porque, antes do artista, deve haver a necessidade da arte.

Necessidade no sentido puro. De estesía. De pão para a emotividade. De alimento para o pensamento. Não havendo idéia, não existindo sensibilidade, não teremos um alicerce sólido para as manifestações artísticas, que são o coroamento dos gosos supremos.

Não há possibilidade de expansão, de rasgos geniais em concretisações eternas, pois o meio manieta e hostilisa.

***

A beleza, emquadrada nas subdivisões dos conceitos filosóficos será sempre o emocionante na arte. Penetrando em nossos sentidos superiores, ela vai refletir-se com um cunho exaltado de verdade. Seja a paisagem que mora no encantamento bucolico das paragens esquecidas e sob o dourar quotidiano do sol ou um agrupamento trepidante de arranha-céus, perto dos quais máquinas exteriotipam

MANOEL CONSTANTINO
natureza morta

WILFER-HORST

a época, a mascara e as atitudes humanas, sublimadas no objetivismo das interpretações.

E a maioria permanece desconhecendo o belo que reside nas coisas e o seu significado na arte.

E uma grande ausência gera um grande esquecimento.

***

A educação é a maneira de elevar a mentalidade das gentes. Ao lado das especializações práticas, deve ser juntada tôda a série de noções e aplicações de conhecimentos generalizados. A arte deve ser olhada como um bem. Deve ser familiarizada com as gerações que brotam sem convenções estéreis e inferiores. O incentivo junto à infância é o primeiro fator para a evolução de todas as ten-

Tempestade — Franco Cenni

dências sob o rítmo superior das visões alevantadas. Depois, as demonstrações de arte com a colaboração que não se caracterisar pelo acolhimento humilhante. Havendo o incentivo caloroso, a divulgação artística, que tanto demonstram o orgulho dos paises avançados atraindo turistas para as preciosidades de seus museus, veremos em pouco realizadas as aspirações dos intelectuais do país.

Temos a natureza que embevece os sensíveis, mas que não chega a ser olhadas pelos nativos. Natureza entregue a si mesma, ocultando tesouros inestimáveis.

Natureza...

Cheia de melancolia e de tristeza na solidão infinita do incompreendido.

Que haja directrizes solidamente traçadas, em todos os sectores da inteligência, e que a arte resurja, amparada, como apanagio de uma civilização que busca perpetuar-se.

Defesa do Crítico Musical

Rodolfo Barbacci
Trad. de Genésio Pereira F.º

Para "Resenha Musical" e "Revista Musical Peruana"

(Faz alguns anos, com motivo de uma polémica de interêsse musical, negou-se o direito à crítica; preparamos, então, êste artigo em resposta, mas nosso adversário renunciou à polêmica antes que houvessemos disparado êste "torpedo"; lançamo-lo agora, advertindo que está fora de campo, posto que em Lima não há críticos musicais, senão meros cronistas, com mais ou menos independência de opiniões).

Nega-se o direito à crítica! E não se sabe que só pela crítica incita-se o homem para aperfeiçoar-se, só a crítica detem às vezes os que **sobem demais**, só a crítica pode combater as más ações que não chegam a tropeçar no Código Penal, só a crítica pode valorizar o labor dos estudiosos e dar-lhe desde o princípio a difusão que merecem; enfim, como disse André Gide, a cultura está em perigo desde o momento em que a crítica não pode exercer-se livremente. Reprova-se aos críticos a severidade com que tratam a uma obra de arte; e não é severidade, é cuidado amoroso, é o que tem o jardineiro quando poda as plantas e arranca as folhas murchas. Também às moedas se acostuma mordê-las ou bem golpeá-las sôbre o solo, para saber se produzem o devido som ou se legais são; a abolição da crítica equivaleria a dar liberdade aos falsificadores de moeda; não sabem que também as lavadeiras golpeam a roupa sôbre a pedra, para lavá-la melhor?

Admito que a crítica não melhore a um mau musico, mas, sem dúvida alguma, o aplauso o peiora.

Luiz Bonelli propôs, certa vez, na Itália, o Registro dos Críticos, a realizar-se e legalizar-se como o dos Procuradores do Rei, ao que contestou Nando Palmieri: "E si nós, os críticos, pedissemos o Registro dos Autores, para saber quais são os que têm o direito de ser chamados tais? Discute-se o direito de criticar, mas não se discute o direito de criar; o crítico, de certa forma, foi eleito pela Direção de um Diário, mas o Autor elegeu-se só, sem nenhum controle.

Critica-se a agressividade dos críticos, de certos críticos, consideram-se "envenenados" aos críticos que reagem violentamente frente a êxitos imerecidos, mas um aplauso imerecido é um furto; deixarieis impune o ladrão, para atacar quem o denunciou?

A crítica denuncia os pequenos delitos, que a Polícia não considera graves; viria ser como uma Sub-Polícia que todo inutil, o podre, o que pode causar danos, destroi.

O crítico que defende um musico decadente, mas de prestígio, age como esses Papalinos faciosos, que colocaram um cadáver no Trono; a crítica deve tolerar, às vezes, pequenos erros acidentais, mas quando estes revelam decadência, falta de estudo, improvização, etc., deve ser enérgica, severa e falar claro, sem eufemismos.

O sábio alemão Herrenschmidt descobriu que a abelha sem aquilhão é pobre em mel; os críticos de pena "doce" não servem. Cada vês que não castiga um delito, faz uma duzia.

Tem-se perguntado, às vezes, a um crítico que censurava uma obra, si ele seria capaz de fazê-la melhor; seria como perguntar a um juiz que condena um assassino, si ele seria capaz de realizar melhor êsse homicídio!

Enfim, há que esclarecer quem ofender primeiro: a crítica severa ou a má obra. Si é o crítico que ofende o Autor ou êste que ofende aquele. Barbey D'Aurevilly, tendo desaprovado clamorosamente um drama de Jules Claretie, viu aproximar-se o Autor, pálido e taciturno, entre dois amigos; imediatamente, imperturbavel, o crítico lhe disse: Suponho que virá pedir-me excusas!

Há mais, porém: o labor do crítico aparece depois do ato público do artista ou compositor, quando já uma apreciavel quantidade de gente foi arrastada a êsse espetáculo sem saber exatamente se vale ou não; o escrito do censor aparece depois, enquanto que, na maioria dos casos, o tem preparado desde o dia anterior; posto que quasi sempre pode assistir aos últimos ensaios e sabe de antemão de que se trata; a nosso modo de vêr, os críticos deveriam levar, com um dia de antecipação, um informe às Autoridades competentes sôbre os reais méritos do espetáculo que se realizará, afim de que estas arbitrem os meios para proibí-lo, si se impõe tal medida, ou fazê-lo anunciar exatamente nos termos e preços que lhe correspondem; um mediocre artista (ainda que sustentado por abundante e eficiente reclame) que se apresenta cobrando somas altas, consuma uma trapaça a todos os que assistem à sua primeira atuação (para a segunda já haverá aparecido a crítica e a responsabilidade das Autoridades haverá desaparecido), trapaça que os críticos podem denunciar publicando um informe severo e exato sôbre o ato em questão. De passo conseguir-se-á outra vantagem para o público, e é esta: alguns críticos costumam dar detalhes técnicos sôbre algumas obras importantes, destacar desenvolvimentos temáticos, particularidades de temas, instrumentos, vozes, harmonização, detalhes de execução, etc., muito a meúdo em obras que não voltará a escutar senão depois de muito tempo; portanto, informá-lo sôbre detalhes "internos"; quando a execução passou, é perfeitamente inútil (o cardápio deve lêr-se antes e não depois da comida; tal é util, muito util antes; então o público chega à sala melhor preparado para captar belezas recônditas, apreciar labores constitutivos um pouco ocultos, enfim, está capacitado para compreender melhor o que escutara; e si a isto se agrega um juizo técnico sôbre a execução ou o valor total da obra, poderá danificar de antemão o espetáculo e não chegará à sala desorientado.

Em alguns paises que sofrem influências religiosas ou políticas, existem Censuras de obras e películas, mas nunca censura de obras musicais e intérpretes. Por que esta anomalia? Crêm acaso que uma obra má de música não pode causar danos aos músicos, tanto como uma película má ou livro ao resto do público? Claro está que tal Comissão de Censura deverá examinar também a produção musical interna e a que chega impressa do estrangeiro; ficaria censurada mais de metade delas e com evidente vantagem da cultura si bem que não do comercio; mas a cultura de um importante setor da população, um amplo e importante aspeto da cultura geral, tem muito mais importância que alguns pequenos interêsses comerciais, interêsses que se veriam afetados nos primeiros tempos, mas que depois encontrariam melhoras e bases mais sólidas. Também êste labor crítico de censura incumbiria aos críticos que veriam, assim, também valorizada oficialmente seu trabalho de "limpeza".

Periodismo e crítica são atividades fatalmente antagônicas; periodismo é e deve ser vida ativa, passional, prática, enquanto que a crítica deveria ser todo o contrário, meditação, calma, intelectualidade desinteressada; mas quasi sempre, o crítico-periodista tem à sua disposição o tempo suficiente para realizar um trabalho verdadeiramente crítico, sem muito apuro; e é por isso que há verdadeiros críticos-periodistas; e é por isso que deveriam assim ser todos; então não se chegaria nem siquer a discutir o direito à crítica, posto que se a consideraria um dever.

Microfone

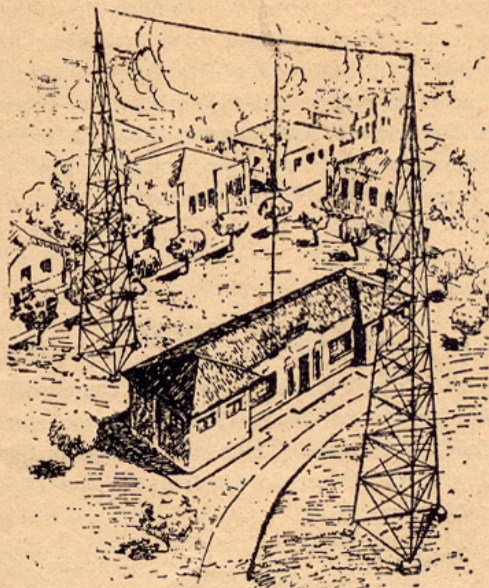
Genésio Pereira Filho

●

Os Nossos Autores

III

A maioria das nossas letras é assim. Canta o tempo do amor, em que uma companheira era o estímulo de cada homem na sua luta pelo pão de todo dia. Os momentos felizes que cada um teve ao lado da mulher amada. Até que vem a separação, quasi sempre o abandono do companheiro pela mulher. É o caso do "seu" Oscar, repetindo-se aquí e acolá. É a mesma história que parecem viver todos os nossos autores e, porque não? quasi toda nossa gente:

No silêncio da noite eu ouvia a canção do [luar
Canção que vinha do céu...
Canção que vinha do mar...
De melodia tão pura
Que fazia pensar na ventura
Na feliz possibilidade de viver... e de [amar!
As estrelas o coro faziam da canção do [luar
E as flores do meu jardim
Tambem queriam cantar...
Pensando... pensando em alguem
A quem amo...
A quem desejo bem
Repetia baixinho a canção:
— "Ela é minha!"
— "Ela é minha!"
Mas de repente o silêncio caiu em tudo

Radio Club de Jaboticabal PRG-4

Não ouví mais a voz do mar
Nem a voz do céu
Nem a voz do luar
No meu apartamento tristonho
Não encontrei
A mulher de meu sonho
A quem tanto amei.
Uma ponta de cigarro
Manchada de carmim
Foi a única lembrança
Que ficou para mim.

Arí Barroso, nêsse samba-canção, não diz toda a verdade? Quem não imagina uma canção em toda a natureza, quando tem o coração pleno de amor e de felicidade? Quem não será capaz de ouvir estrelas, como Bilac, desde que possua no coração a imagem de alguem que ama? Quem não ouvirá no vento sibilante a mais bela das sinfonias?

Mas todo o poema morre, desfaz-se como fumaça, quando o coração se esvasia. E tudo fica numa recordação doce e tristonha, que a gente tem sempre presente nos momentos de concentração, ou nas horas em que o pensamento vôa sem

timoneiro... Enquanto a fumaça do cigarro, caprichosa e artista, tece arabescos no espaço. A recordação fica doce e tristonha, maltratando nossa alma. Ou, como na história de Arí Barroso, fica "A única lembrança", por exemplo, uma "ponta de cigarro manchada de carminm..."

(Continúa)

A VOZ DO BRASIL

● Zé Timoteo, o conhecido humorista, está agora na Rádio Tupí, atuando com Nhá Zefa, no programa "Saudade do Sertão", alí apresentado diariamente das 11,30 às 12 horas.

● Walter Fontenelle Ribeiro acaba de publicar pela Editora Anchieta Limitada, o primeiro volume de crônicas lidas no programa "Espelho", que apresenta diariamente pela Cosmos, às 21,15 horas. O livro chama-se "O Tocador de Realejo".

● Um jornal do nosso rádio é a repetição no mesmo dia — como se já não bastasse serem diarios — de certos programas. Assim, Nhô Totico e a "Hora Doce" — para citar exemplos só numa emissora, a Cultura — são artistas e programas apresentados duas vezes por dia. Por melhores que sejam hão de vulgarizar-se. Para que isso?

● Um bom jornal, o da PRB-6. Mas o Sr. Gumercindo Fleury como locutor...

● Verdadeira calamidade são os tais anuncios gravados. Verdadeira praga. E o pior é que são tão mal feitos que provocam o desespero dos ouvintes. Não sei a que atribuir tão grande mal gosto.

● A "Hora Doce" é um dos melhores programas do rádio paulistano, senão o melhor. Alvise Assunção merece sinceros parabens pela obra que realiza ao microfone da PRE-4. Um programa que a gente ouve com gosto, com imenso prazer mesmo. A parte musical é primorosamente escolhida e a voz de Alvise é das melhores do nosso rádio e muito própria ao gênero de programa que apresenta. Acho que deveria suprimir o programa das 12,30 hs., apresentando somente o das 22,30 horas.

● Lita Landi, a ótima artista que arrastou diariamente uma multidão ao auditório da Rádio Cultura, é, sem dúvida alguma, um elemento que possue reais méritos. Dona de uma bela voz, de talento, graça e beleza, foi uma das maiores atrações do rádio na Paulicéia. "Pasarijo", "La Conga del Amor", "Dlin Dlon", "Matilde" (este de sua autoria) são números que encontram nela ótima intérprete.

● A 22 do corrente mês de setembro transcorreu mais um aniversário, o 7.º, da

Zé Timoteo.

Rádio Clube de Jaboticabal, PRG-4. Cumprimentos da RESENHA MUSICAL.

● No dia 26 de agosto a Rádio Difusora irradiou do Teatro Municipal a primeira apresentação dos "Petits Chanteurs à la Croix de Bois", de Paris, o notavel conjunto vocal infantil, tido como o mais famoso.

Estupendo o programa, interpretado admiravelmente pelos pequenos cantores. A gente nada tem a restringir na Arte dos pequenos conduzidos pelo Padre Maillet. São admiraveis e a melhor classificação que se pode dar a êles é: angelicais! São de fato, como que tocados pela mão divina. O Padre Maillet parece ter nas mãos uma varinha mágica — um condão de fada — que guia os meninos-cantores. O canto de "capela", na voz desses garotos, leva-nos à meditação, a uma profunda reflexão. — Pude ouví-los ainda por mais duas vezes. Uma na recepção de Walt Disney à imprensa. Outra, na recepção do consul francês Maurice Pierrotet aos pequenos da "Croix de Bois". Ambas as vezes no Hotel Esplanada, num ambiente distinto, elegante.

Os solistas são estupendos. E a pronuncia dos garotos, quando cantam em português, é de admirar. Se por ventura alguem, pelo rádio, ouvir uma interpretação de música nossa, poderá julgar ser uma voz de nacionais e não de franceses. Magníficas as interpretações de "Luar do Sertão", de Catulo da Paixão Cearense e do "Hino Nacional Brasileiro".

A Difusora irradiou ainda duas audi-

ções dos pequenos cantores, ambas do seu próprio estúdio.

● Por falar em irradiação direta do Teatro Municipal, vem-me a seguinte pergunta: — Porque não são irradiados tambem os Concertos do Departamento de Cultura? — Apesar dos preços populares, muita gente não assiste a esses recitais, seja pela distância do Teatro de sua residência ou por outros fatores. Isso será dependente do Departamento ou das emissoras?

O certo é que muita gente será beneficiada por essa medida. E muito ficará agradecida.

● RÁDIO-IDEAL. — Apresento aos leitores de "Resenha Musical" a Emissora Ideal. Isto é, uma estação ideal será aquela que apresente tais e tais programas, selecionados entre todos das nossas emissoras. No presente número a relação sai incompleta. É claro. A escolha é dificil e irá sendo completada aos poucos. Até ao presente número predominam os programas de música fina, mas essa falta será sanada aos poucos, pois todos os gêneros devem ter guarida na Rádio-Ideal. Peço o auxílio dos leitores de "Microfone", que poderão escrever-me, chamando minha atenção para os programas que acham deverem figurar aqui. Cada indicação corresponderá a um voto dado aos tais programas.

7 horas: Programa Despertador", PRA-5.

10 horas: "Programa de Arte" — locutor Rebelo Júnior — PRF-3.

10,30 horas: "Variedades Internacionais" — locutor Julio Guedes — PRA-6.

18 horas: "Hora de Arte Universal" — locutor: Lourenço Amadeu — PRH-9.

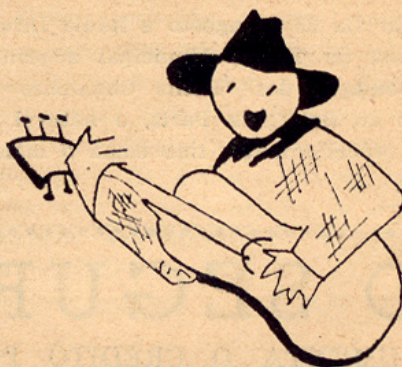
18,45 horas: "Artistas e Orquestras Célebres" — locutor: Aristides Cerqueira Leite Júnior — PRA-5.

22,30 horas: "Hora Doce" — locutor: Alvise Assumpção — PRE-4.

23,30 horas: "Programa oferecido por Biotônico Fontoura" — PRE-4.

E o último programa musical da PRB-9 (variado), excluindo os programas falados que são interpostos. (Fim às 24,30 horas).

AVISO

"Microfone" aceita colaboração e sugestão dos seus leitores. Cartas em nome do Redator desta Secção, endereçadas para esta Revista.

VARIAS...

HINO NACIONAL BRASILEIRO

Em homenagem à data aniversária da Independência do Brasil, oferecemos aos nosso leitores, como VI Suplemento Musical, o Hino Nacional Brasileiro, o glorioso hino de Francisco Manuel da Silva.

INCENSO DA MINHA MISÉRIA

Este é o título do lindo opúsculo de poesias que o querido poeta Dr. Arlindo Veiga dos Santos compôs e que está sendo distribuido como brinde aos novos assinantes de RESENHA MUSICAL.

ESCOLA NORMAL "CAETANO DE CAMPOS"

Por ocasião da conferência do Prof. Nobrega da Cunha, realizada a convite da Diretoria da Escola Normal "Caetano de Campos", desta Capital, fez-se ouvir com geral agrado, o bem organizado Orfeon daquela Escola, sob a regência do Prof. Frederico De Chiara.

CONSERVATÓRIO MUSICAL "CARLOS GOMES", DE CAMPINAS

Por ato do Sr. Secretário da Educação e Saúde Pública, do Estado de S. Paulo, foi reconhecido oficialmente o Conservatório Musical "Carlos Gomes", de Campinas, dirigido pelo ilustre Prof. Miguel Ziggiatti.

HUGO BALZO

Quando de sua permanência nesta Capital, visitou a Redação de RESENHA MUSICAL o eminente pianista uruguaio Hugo Balzo, que deixou no livro de visitas, as seguintes palavras: "Con mil felicitaciones por la excelente labor cultural. (a) — Hugo Balzo — Agosto, 1941".

NOSSA CAPA

A capa que dora avante ilustrará esta Revista, é de autoria do notavel pintor Franco Cenni, nosso ilustre redator da Secção "Artes Plásticas".

BARROS, O MULATO

O conhecido pintor patrício Barros, O Mulato, visitou a Redação de RESENHA MUSICAL, afim de patentear sua satisfação pelo trabalho que esta Revista vem

realizando em pról do movimento artístico nacional. No livro especial, deixou o seguinte termo: "Para Clovis de Oliveira, autêntico trabalhador de arte, a minha admiração pelo seu valor e pelas suas realizações." (a) Mulato — 21-8-941.

INSTITUTO MUSICAL DE S. PAULO

Foi oficialmente reconhecido, por decreto estadual, o Instituto Musical de São Paulo, desta Capital, que é dirigido pelo insigne maestro João Batista Julião.

LA CROIX DE BOIS

À recepção oferecida pelo Sr. Consul da França nesta Capital, a 29 de Agosto, no Esplanada, ao conjunto vocal "La Croix de Bois" e Revmo. Pe. Maillet, compareceram representando RESENHA MUSICAL, os Srs. Dr. Belfort de Mattos Filho e Sr. Genésio Pereira Filho.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Revista Brasileira de Música, órgão da Escola Nacional de Música, do Rio de Janeiro; **Revista de Bridge,** S. Paulo; **Revista Musical Peruana,** Lima, Perú; **Nova Lourdes Brasileira,** Niterói; **Mensagem,** Belo Horizonte; **Boletim da B.B.C.,** Londres, Inglaterra; **Revista de la Guitarra,** Buenos Aires, Argentina; **A Voz de Londres,** da B.B.C.; uma coleção de oito números dos **Cadernos da Hora Presente** oferecida pelo Editor, Sr. Rui Arruda; **Comércio e Indústria,** S. Paulo.

NOTÍCIAS DE LIMA, PERÚ:

A Orquestra Sinfônica Nacional, tem realizado numerosos concertos sob a regência de seu aplaudido regente Maestro Theo Buchwald; o grande ator argentino Hugo D'Evieri, apresentou-se a 7 de junho; a notavel pianista Mercedes Padrosa, realizou um recital a 18 de junho.

REVISTA MUSICAL PERUANA

Com a circulação do n.º 32, Agosto, foi suspensa por resolução de seu Diretor, o ilustre Prof. Rodolfo Barbacci, a publicação da estupenda Revista Musical Peruana, de Lima, Perú. Lamentamos o desaparecimento dessa nossa irmã, porquanto o Perú perde com este fato, um importante órgão de divulgação cultural e artística. Mesmo com quasi três anos de vida, essa revista deixou patente a sua alta diretriz cultural e a ilustração de seu Diretor, Prof. Rodolfo Barbacci, que com um significativo artigo dá por encerrada a vida da Revista Musical Peruana.

CLAUDIO ARRAU

Em Lima, Perú, o pianista Claudio Arrau, acompanhado pela Orquestra Sinfônica Nacional, executou em um só programa, três Concertos de Beethoven.

FESTIVAL MUSICAL

Realizou-se em 17 de Setembro, promovido pela Associação dos Ex-Alunos Salesianos, um festival musical com a colaboração das srtas. Maria José Rodrigues, Rachel e Gioconda Peluso, Dr. Raul Leme Monteiro, Sr. Elias Machado Neto, e outros.

Os classicos para a infancia

Edição de peças celebres para piano facilitadas por

Souza Lima

Edições I. M. L. :-: São Paulo